

A Problemática do Distanciamento Social e a Situação do Sujeito Subalterno na Perspectiva Decolonial

The Problem of Social Distancing and the Situation of the Subaltern Subject in the Decolonial Perspective



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v14i2.3331>

Lucas Pires de Oliveira

Graduado em Comunicação Social pela Escola de Comunicação, Artes e Design da PUC/RS
e-mail: lucasp019@gmail.com



<https://orcid.org/0000-0003-1210-8038>

Recebido em: 24/07/2021 – Aceito em 25/12/2021

Resumo: A pandemia de covid-19 colocou em pauta as desigualdades da sociedade brasileira pós-moderna. Na batalha para conter a propagação do coronavírus, o distanciamento social tornou-se o mecanismo mais potente, conforme as autoridades de saúde. No entanto, o que se percebe é uma parcela da população, que vive às margens do sistema social, impossibilitada de seguir a medida, enquanto outra parte critica a recomendação sob a justificativa do discurso econômico, transformando o distanciamento em uma problemática. Nessa perspectiva, apoiamos-nos nos pressupostos da crítica decolonial, na tentativa de observar o cenário atual da realidade brasileira. O objetivo deste ensaio, portanto, é estabelecer um possível diálogo entre a situação do sujeito subalterno, a partir da problemática do distanciamento, e a perspectiva decolonial.

Palavras-chave: Decolonialidade. Pandemia. Sujeito.

Abstract: The covid-19 pandemic brought the inequalities of post modern Brazilian society in to focus. In the battle to contain the spread of the corona vírus, social distancing has become the most Powerful mechanism, according to health authorities. However, what can be notice dis that a part of the population, living on the margins of the social system, is unable to follow the measure, while another part criticizes the recommendation under the justification of the economic discourse, turning social distancing into a problematic issue. From this perspective, were Lyon the assumption sof decolonial criticism in an attempt to observe the currents cenário of Brazilian reality. The objective of this essay, therefore, isto establish a possible dialogue between the situation of the subaltern subject, from the problematic of social distancing, and the decolonial perspective.

Keywords: Decoloniality. Pandemic. Subject.

Introdução

Sujeito, espaço e tempo: a tríade da pós-modernidade

As transformações no mundo ocidental pós-moderno têm mobilizado profundas análises de variadas áreas do saber, que buscam explicar as sociedades que se desenvolveram em diferentes épocas de um mundo permeado por mudanças. Entretanto, a busca por respostas que expliquem não somente a sociedade em sua totalidade, mas, sobretudo, o sujeito e sua relação com o tempo e o espaço torna-se cada

vez mais necessária.

Qualquer tentativa de tentar explicar os fenômenos que têm desencadeado uma série de transformações nas sociedades pós-modernas, do terceiro milênio, exige um amplo exercício teórico-epistemológico, compreendendo uma busca aprimorada nas Ciências Humanas, sobretudo, através da Filosofia, da História, da Psicanálise e da Sociologia. Ademais, em um mundo líquido, onde tudo se tornou urgente, os esforços para fazer esses fenômenos entendíveis requerem rigor e reflexividade¹.

Nesta aventura, assumiremos o desafio de lançar mão da perspectiva pós-estruturalista, compreendendo a necessidade de um olhar que abarque a diferença, seja ela a nível de linguagem, pensamento ou experiência, e concomitantemente, uma abertura ao novo. A definição de pós-estruturalismo é tão ampla quanto seu escopo de possibilidades, que permite-nos renovar o pensamento. Nas palavras de Williams (2012, p. 42), trata-se de “um conjunto de experimentos acerca de textos, ideias e conceitos que mostram como os limites do conhecimento podem ser atravessados e revertidos em relações subversivas”.

Deste modo, a abordagem do pós-estruturalismo nos auxilia na tentativa de observar a sociedade atual, no contexto da pandemia de covid-19, pano de fundo dessa discussão, e, principalmente, a situação do sujeito subalternoperante essa atualização paradigmática. Logo, faz-se necessário trazer para o debate o pensamento de Michel Foucault, que muito embora não seja definido, particularmente, como um filósofo pós-estruturalista, possui significativas contribuições que permitem-nos refletir acerca do sujeito e sua relação com o tempo, substancialmente ao tratar da ideia de descontinuidade. Ressaltamos que a descontinuidade não representa um motor no pensamento foucaultiano, todavia, é um elemento que deve ser considerado, uma vez que, a partir dessa abordagem, o filósofo propõe uma ruptura epistemológica, fazendo emergir uma nova lógica temporal, alinhada ao pensamento descontínuo (WILLIAMS, 2012).

Todavia, para distinguir as noções de continuidade e descontinuidade, é oportuna a síntese de Williams, baseada na abordagem de Foucault. Williams (2012, p. 161) diz que “o novo historiador é um pensador de descontinuidades” e, por outro lado, “[...] a própria história é descontínua ao invés de contínua”. A partir dessa concepção, Foucault atribuiu um caráter de maleabilidade às genealogias, ao invés de considerá-las fechadas ou totalmente determinadas.

O exercício da reflexividade é substancial para compreender a noção de tempo. Assim, recorreremos à crítica bachelardiana, particularmente adequada, quando lançada aos continuístas. Baseado na perspectiva da continuidade, o filósofo, de acordo com Bachelard (1971, p. 193), “não vai mais longe. Pensa que é inútil viver os tempos novos, os tempos em que, precisamente, os progressos científicos rebentam por toda a parte, fazendo necessariamente rebentar a epistemologia tradicional”.

Sustentamos que essas operações indicam um ajuste da realidade de acordo com o tempo, sendo providencial, nesse sentido, uma reflexão sobre o sujeito desse tempo, que, assim como a sociedade, está em franca transformação diante do estado de pandemia. O desafio de problematizar a noção de sujeito a partir da crise nos impulsiona a reunir pistas na tentativa de compreendê-lo, na abordagem foucaultiana, conforme o seu tempo. Para Williams (2012), o eu, o sujeito ou a intersubjetividade devem ser vistos de acordo com seu contexto histórico, linguístico e experiencial. Neste caso, a própria noção de “Eu” é contestada, na medida em que “ele não pode reivindicar-se como um âmagão seguro. Outros sujeitos, a linguagem, além de nosso controle e experiências que abalam nossos sentidos, operam sob nossas mais íntimas percepções e intuições” (WILLIAMS, 2012, p. 23).

Contribui para esse diálogo o pensamento de Deleuze, que vê o sujeito circunscrito em uma espécie de nomadismo universal, alterando não apenas a nomenclatura,

¹Na modernidade, segundo Bauman, as relações são efêmeras. Nas palavras do autor “o ‘curto prazo’ substituiu o ‘longo prazo’ e fez da instantaneidade seu ideal último” (BAUMAN, Modernidade líquida, p. 146).

mas a semântica, ao enfatizar seu aspecto particular. Ancorado na perspectiva deleuziana, Williams (2012, p. 105) diz que “sensações, intensidades e mudanças em estruturas fazem de cada um de ‘nós’ um indivíduo, e não uma pessoa individual do ser humano, ou sujeito”. Em outras palavras, o autor propõe pensar cada indivíduo como o todo do mundo, porém em uma perspectiva singular.

A tentativa de estabelecer uma relação entre o tempo, o sujeito e o espaço permite-nos sistematizar nossa abordagem a partir dos desdobramentos dessa transformação espaço-temporal, que trouxe à tona um novo paradigma. A covid-19, com reflexos em esfera global, é considerada, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a maior crise sanitária da época, e tem dizimado vidas em grandes proporções². Desde o final de 2019, quando houve a notificação oficial do primeiro caso de contaminação por covid-19, o mundo tem passado por profundas mudanças, que atravessam as esferas culturais, econômicas e políticas do corpo social. O Brasil tornou-se o segundo país com o maior número de mortes do planeta³.

Nessa perspectiva, torna-se necessário considerar os antagonismos gerados a partir da pandemia, enquanto fenômeno que desestabiliza as estruturas da sociedade brasileira, a partir de uma cadeia de interferências que perpassam todos os campos da vida social. Para sistematizar essa discussão, elencamos a problemática do distanciamento social. Esse será abordado enquanto um paradoxo, observado no contexto do sujeito subalterno, que se diz impossibilitado de seguir a recomendação, justificando a falta de infraestrutura em seu ambiente de moradia bem como a necessidade de trabalhar para prover o sustento.

A expressão descreve, conforme Spivak (2010, p. 12) “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”. A autora resgata o termo a partir do significado atribuído por Gramsci ao referir-se ao “proletariado”, ou seja, aquele cuja voz não pode ser ouvida. Nosso objetivo, portanto, é estabelecer um possível diálogo entre essa temática e os pressupostos da crítica decolonial.

Compreende-se por distanciamento social, a diminuição de interação entre as pessoas de uma comunidade para diminuir a velocidade de transmissão do vírus⁴. A estratégia é importante quando há indivíduos já infectados, mas ainda assintomáticos ou oligossintomáticos. Além disso, recomenda-se a manutenção de uma distância física mínima de pelo menos 1 metro de outras pessoas, especialmente daquelas com sintomas respiratórios e um grande número de pessoas (aglomerações) tanto ao ar livre quanto em ambientes fechados.

Pandemia e Classificação Social

O século XXI tem sido marcado por uma série de conflitos que resultam em um elevado número de mortes. Observando dos atentados terroristas do 11 de setembro (2001) aos ataques de Paris (2015), por exemplo, é possível perceber que os grandes problemas de uma civilização se tornam mais visíveis diante das crises. Na atualidade, destaca-se, o processo das diferenças sociais, que tem sido agravado, particularmente, na sociedade brasileira desde o início do estado de pandemia. Logo, torna-se necessário deslocar nosso eixo de análise para um dos elementos constitutivos do padrão mundial capitalista, responsável pelos critérios de categorização e classificação do sujeito, a partir do eurocentrismo. A colonialidade, segundo Quijano (2007, p. 93):

sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um

²Declaração do diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus. Disponível em: <https://is.gd/Z9nY38>. Acesso em 23 jul. 2021.

³O Centro de Recursos do Coronavírus da Universidade Johns Hopkins realiza o rastreamento da disseminação global da covid-19. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em 23 de jul. 2021.

⁴Guia de Vigilância Epidemiológica do Ministério da Saúde. Disponível em: https://portalqsvos.saude.gov.br/images/af_gvs_coronavirus_6ago20_ajustes-finais-2.pdf. Acesso em: 16 jun. 2021.

dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala societal. Origina-se emundializa-se a partir da América.

Com base nesse preâmbulo, e observando a sociedade dos dias de hoje, podemos identificar que as estruturas sociais da pós-modernidade ainda possuem rastros do colonialismo e que as diferenças são processos atualizados das formas de dominação que marcaram a América dos séculos XV e XVI. A classificação dos indivíduos no sistema capitalista mundial-colonial/moderno se estabelece por meio do trabalho, da raça e do gênero (QUIJANO, 2007). Fazemos um parêntese para a questão da raça, que, conforme o autor, junto da ideia de identidade racial, foi estabelecida como instrumento de classificação social básica da população.

Chamamos atenção ainda para as consequências dessa maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação que, posteriormente, gerou outras formas de classificação de determinados grupos de pessoas em outros campos, como a sexualidade e a subjetividade (LEÓN, 2012). Deste modo, podemos considerar que os movimentos do colonialismo resultaram na criação de sociedades baseadas em estruturas sociais hierárquicas e desiguais, que têm gerado uma série de efeitos, consideravelmente, notáveis na atualidade.

A lógica de dominação presente no mundo pós-moderno é baseada no eurocentrismo e pode ser observada como uma visão de mundo, que está para além dos governantes do capitalismo mundial, sendo também uma perspectiva daqueles educados sob a hegemonia eurocêntrica. Esse fenômeno pode ser explicado como uma dimensão cognitiva presente durante o longo tempo que marcou o mundo eurocentrado do capitalismo colonial/moderno e que “naturaliza a experiência dos indivíduos neste padrão de poder” (QUIJANO, 2007, p. 94). Assim, percebemos que a visão eurocentrista não é tão somente uma tendência dos europeus ou apenas dos dominantes do capitalismo mundial, mas um processo de sistematização que faz com que as lógicas do sistema mundo moderno/colonial sejam entendidas como dadas e não suscetíveis a questionamentos.

Em contrapartida, o processo de combate e resistência ao projeto do colonialismo e às epistemologias universalizantes tem sido desenvolvido pelos estudos decoloniais, que lançam sua crítica, fundamentalmente, a partir da literatura anglo-saxônica, contestando as bases desse pensamento e a universalização de conceitos e ideias disseminados, conforme Castro-Gómez (2007, p. 14), a partir “do desenvolvimentismo, das formas eurocêntricas de conhecimento, desigualdade de gênero, hierarquias raciais e os processos culturais/ideológicos que favorecem a subordinação da periferia no sistema mundial capitalista”. Assim como Castro-Gómez, outros pensadores latino-americanos acreditam que o sistema-mundo moderno/colonial é responsável por transformar a diferença em hierarquia, a partir da sistematização de categorias⁵.

No que se refere ao distanciamento social no contexto brasileiro, observa-se uma divergência quanto à aderência da medida cujos reflexos se materializam no comportamento das pessoas diante da pandemia. Paralelamente, a situação do sujeito subalterno que se diz impossibilitado de seguir a recomendação, justificando falta de infraestrutura em seu ambiente de moradia ou a necessidade de trabalhar para prover o sustento, ainda que, desse modo, esteja mais exposto aos perigos do coronavírus, parece ter sido naturalizada, caracterizando um processo de dessensibilização. Uma explicação possível sobre a perda da sensibilidade pode ser observada a partir de Bauman (2013, p. 42), ao considerar que “uma catástrofe prolongada abre o caminho de sua própria continuação destinando o choque e a indignação iniciais ao esquecimento, e

⁵Ver MIGNOLO, W. et al (Historias locales/diseños globales. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo, p. 39)
⁶Pesquisa “Pandemia na favela”. Disponível em: <https://is.gd/2hmKw9>. Acesso em 23 de jul. 2021

assim enfraquecendo e fragilizando a solidariedade humana em relação a suas vítimas”.

Análise da problemática

A partir de uma pesquisa do Data Favela, realizada em parceria com o Instituto Locomotiva – Pesquisa e Estratégia e a Central Única das Favelas (Cufa), que mostrou os impactos da covid-19 em favelas do Brasil, observamos uma sequência de dados que foram utilizados como um dos elementos constitutivos desta análise⁶. A pesquisa foi feita entre os dias 19 e 22 de junho de 2020, ano em que a pandemia alcançou seus primeiros picos de contaminação no país, e ouviu 3.321 moradores de 239 favelas de todos os estados brasileiros. As informações deste levantamento foram esquematizadas na tabela abaixo.

Tabela 1: Pesquisa Pandemia na Favela

Questão abordada	%
Profissional autônomo	25%
Saiu de casa na semana que antecedeu a pesquisa	89%
Preocupação com a renda familiar por conta do corona vírus	89%
Sobrevive com menos da metade da renda de antes da pandemia	80%
Possui reservas financeiras para agüentar uma semana em casa sem trabalhar	66%
Ao menos 1 dia faltou dinheiro para comprar comida durante a pandemia	76%

Fonte: Elaborado pelo autor

Com base nesse esquema, percebe-se que as questões relacionadas à preocupação com a renda familiar (89%) e à não aderência ao isolamento social (89%) apresentam resultados expressivos. Acrescenta-se que o Brasil possui 213 milhões de habitantes, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No entanto, 13,6 milhões da população residem em favelas.

Sustentamos que a problemática do distanciamento social se origina, basicamente, através de dois aspectos. Primeiramente, a partir da realidade do sujeito subalterno, que se diz impossibilitado de seguir o distanciamento social, recomendado pelas autoridades de saúde. Por outro lado, a crítica ou o não cumprimento, por parte de outra parcela da sociedade, sob a alegação de que as medidas de restrição prejudicam a economia.

No dia 11 de março de 2020, uma portaria do Ministério da Saúde estabeleceu um conjunto de procedimentos para o enfrentamento da covid-19, incluindo o distanciamento social, recomendado pelas autoridades como forma de evitar a propagação da doença⁷. Entretanto, desde o início, a medida gera controvérsias entre diferentes setores sociais.

Em contrapartida, desde a descoberta dos primeiros casos de infecção por coronavírus, a temática da pandemia tem sido destaque nos meios de comunicação do país, sobretudo a televisão. Os reflexos dessa constatação são evidenciados pela pesquisa da Kantar Ibope Media, segundo a qual para 79% dos entrevistados, a TV continua como o meio mais confiável para se obter informações sobre o coronavírus⁸. O estudo revelou também que onze das vinte maiores audiências dos últimos cinco anos foram registradas durante a pandemia de covid-19.

Para a análise da situação do sujeito subalterno, foram selecionados dois textos

⁷Portaria do Ministério da Saúde sobre medidas para o enfrentamento da covid-19. Disponível em: <https://is.gd/w62wMt>. Acesso em 23 de jul. 2021.

⁸O estudo foi realizado no período de 16 a 22 de março de 2020. <https://n9.cl/kwe39>. Acesso em 16 de jul. 2021.

⁹Reportagem sobre pandemia nas comunidades. Disponível em: <https://is.gd/SayvUH>. Acesso em 16 jun. 2021

¹⁰Documentário sobre a realidade das domésticas em meio à pandemia. Disponível em: <https://is.gd/kcrVOB>. Acesso em 16 jun. 2021.

jornalísticos, sendo uma reportagem de televisão e um documentário onde foram entrevistadas, respectivamente, uma líder comunitária⁹ e uma empregada doméstica¹⁰. A escolha dos materiais deu-se a partir de uma procura na plataforma de compartilhamento de vídeos, o *You Tube*. O critério de busca baseou-se no período da produção dos conteúdos, ano de 2020, e apoiou-se nos dados da pesquisa referida anteriormente. Julgamos importante explicar que as entrevistas são elementos constitutivos dos textos midiáticos e não representam a totalidade desses materiais, uma vez que outras pessoas também foram entrevistadas. O recorte foi feito a partir da aderência à proposta deste estudo e organizado no quadro seguinte abaixo. As reportagens e pesquisas utilizadas na análise podem ser acessadas através dos links, disponibilizados nas páginas anteriores, em notas de rodapé.

Quadro 1: Relatos do Sujeito Subalterno

Emissora e Data	Título	Entrevistado	Transcrição da Fala
Record TV 25 de março de 2020	Moradores de comunidades têm dificuldade de cumprir a quarentena do corona vírus	Líder comunitária 1'32" - 1'47"	“Quarentena, isolamento, sem condição. Sem condição porque um passa pela porta do outro. Se... Vamos supor, se o vírus tiver aqui hoje, então assim, todo mundo vai se contaminar porque o espaço acaba sendo um só”.
BBC News Brasil 15 de agosto de 2020	A difícil realidade das domésticas em meio à crise da Covid-19	Empregada doméstica 7'55" - 8'46"	“Mas é a vida, né? Vamos trabalhar e Deus pra nos guardar, né? Só ele. A gente vai fazendo a nossa parte e ele faz a dele. As pessoas mais humildes, que não têm um plano B ou um caixa dois que seja, essa pessoa vai ter que trabalhar porque ela tem contas a pagar, conta de luz, conta de água, conta de telefone, tudo isso chega, nada espera. A comida não vai cair do céu, na mesa, né? Então assim, eu acho que as pessoas têm que trabalhar. O meu trabalho, ele exige que eu vá até o meu local de trabalho. Eu não vou conseguir lavar uma louça pelo computador, pelo telefone.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O quadro apresenta a transcrição das falas de duas mulheres, sendo uma líder comunitária, moradora de Heliópolis, na Zona Sul de São Paulo, considerada a maior favela da cidade, e outra, que é empregada doméstica, também moradora de São Paulo. Cada uma delas foi entrevistada, respectivamente, pelos veículos de comunicação *Record TV* e *BBC News Brasil*, cujas pautas tinham as seguintes propostas: mostrar a dificuldade enfrentada por moradores de comunidades em cumprir o isolamento social; e retratar a realidade das domésticas em meio à crise da covid-19.

Percebe-se que a líder comunitária, ouvida na reportagem, destaca a impossibilidade de cumprir o distanciamento social, haja vista a estrutura do local. A reportagem

¹¹Materia sobre a realidade dos moradores de favelas durante a crise do coronavírus. Disponível em: <https://is.gd/Hha7QP>. Acesso em 23 de jul. 2021.

mostra, através das imagens, os corredores estreitos que evidenciam essa realidade. Complementa-se ainda que muitas famílias de Heliópolis convivem em um cômodo de 10m², conforme mostrou uma matéria da *CNN Brasil*, em maio do mesmo ano¹¹. Já a população de Paraisópolis, zona sul de São Paulo, relatou constante falta de água durante à noite.

Destacamos ainda que a crise do coronavírus, em 2020, recorte que compreende essa análise, deixou 9,7 milhões trabalhadores sem remuneração no mês de maio. Conforme dados da PNAD COVID19, realizada pelo IBGE, os trabalhadores domésticos sem carteira foram os mais afetados, totalizando um percentual de 33,6% das pessoas afastadas¹². O relato da empregada doméstica, entrevistada no documentário veiculado pela *BBC News Brasil*, vislumbra esse panorama, apesar de ela ter mantido o emprego, uma vez que não contava com alternativas.

Tal exposição remete-nos novamente a Quijano (2007) para observar o trabalho, enquanto parâmetro de classificação dos indivíduos no sistema capitalista mundial-colonial/moderno e, por conseguinte, a disposição do sujeito subalterno na estrutura de poder. Destacamos, contudo, que a estrutura deve ser entendida como o espaço onde o poder se materializa, isto é, o poder não é uma substância, mas um conjunto de práticas. Podemos pensar na ideia de poder, de acordo com Foucault (2004, p.160), como uma “relação indissociável com formas de saber, e trata-se de pensar sempre de tal maneira que se o veja associado a um domínio de possibilidade e por consequência de reversibilidade, de inversão possível”. Não aprofundaremos a definição de poder, neste momento, mas apresentamos esse recorte para destacar que a estrutura é composta pelas interações do corpo social.

Deste modo, recorremos aos pressupostos dos estudos decoloniais, na tentativa de explicar como o poderoso universo das relações de dominação transforma a diferença em hierarquia. Ao discutir a teoria das classes sociais, pensada, exclusivamente, sobre a base da experiência europeia, Quijano (2012), propõe uma mudança no eixo de análise, fazendo-nos avançar para uma teoria de classificação social, pois o que está em jogo é a questão do poder e, como já visto, a partir de Foucault, é na estrutura que o poder se materializa e a ideia de classificação social está, justamente, relacionada às posições que as pessoas ocupam nas relações de poder. Para Quijano (2012, p. 114):

é essa distribuição de poder entre as pessoas de uma sociedade o que as classifica socialmente, determinando as suas recíprocas relações e gera as suas diferenças sociais, já que as suas características empiricamente observáveis e diferenciáveis são resultados dessas relações de poder, dos seus sinais e das suas marcas. Pode-se partir destas para um primeiro momento e um primeiro nível de apreensão das relações de poder, mas não tem sentido fazer residir nelas a natureza do seu lugar na sociedade. Ou seja, a sua classe social.

A crítica decolonial, representada através do pensamento de Quijano, revela a necessidade de uma desconstrução da hegemonia cultural baseada na diferença. Ressalta-se que, para o capitalismo mundial colonial/moderno, os indivíduos classificam-se e são classificados segundo três linhas diferentes, embora articuladas numa estrutura global comum pela colonialidade do poder: trabalho, raça e gênero. Atribuímos um parêntese à temática do trabalho, uma vez que, na estrutura social, o sujeito subalterno tem seu tempo nomeado como relações de produção, o que determina, em última instância, seu lugar e papel no controle da autoridade e, conseqüentemente, do Estado (QUIJANO, 2012). Nessa perspectiva, reforçamos a necessidade da crítica decolonial, no contexto da pandemia.

¹² Levantamento do IBGE mostrou que 9,7 milhões trabalhadores ficaram sem remuneração em maio de 2020. Disponível em: <https://is.gd/HiTW4u>. Acesso em 23 de jul. 2021.

Como já demonstrado, o cenário pandêmico ressaltou as diferenças de uma estrutura social deficiente e desigual, na medida em que percebemos uma série de dificuldades enfrentadas pelo sujeito subalterno em cumprir as medidas de distanciamento social, recomendadas pelas autoridades de saúde, uma vez que, como observado, através dos dados coletados, a realidade dessa parcela da população contribuiu para encararmos o distanciamento como uma problemática. Nessa perspectiva, utilizamo-nos novamente dos estudos decoloniais para desconstruir qualquer forma de culpabilidade do subalterno e, ao contrário, mostrar que ele é o resultado de uma história política maior do que ele mesmo e que envolve todos os outros setores sociais.

Considerações Finais

Os reflexos da pandemia de covid-19 espalham-se, diariamente, pelas sociedades pós-modernas, provocando uma transformação não somente na estrutura social, no sentido genérico, mas, sobretudo, na singularidade do sujeito do século XXI, alterando, inclusive, os processos de pensamento.

Muito embora nossa proposta com este estudo tenha sido complexificar as defasagens de uma sociedade pós-moderna, com rastros do colonialismo, a partir da problemática do distanciamento social, julgamos necessário traçar uma abordagem em torno do sujeito, estabelecendo uma relação com o tempo e o espaço em que vive, afinal como nos mostra Foucault, tudo acontece de acordo com o tempo e, atualmente, o nosso tempo é nebuloso.

O percurso desenhado pelo pós-estruturalismo e pela crítica decolonial tem possibilitado um poderoso aporte teórico-metodológico, que nos permite rever nossa forma de observar e tentar explicar os fenômenos sociais, através de novas perspectivas, ou melhor, novos pontos de vista. Quando falamos em deslocar o eixo de análise, estamos indicando a necessidade de propor uma outra forma de olhar para o mundo, descortinando nossas limitações e fazendo o possível para romper com as diferenças.

Referências Bibliográficas:

- BACHELARD, G. **A Epistemologia**. Tradução: Fátima Lourenço Godinho; Mário Carminho Oliveira. Portugal: Edições 70. 2006. 223 p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2000. 246 p.
- BAUMAN, Z; DONSKIS, L. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. 2014. 264 p.
- CASTRO-GÓMEZ, S. Michel Foucault y la colonialidad del poder. **Tabula Rasa**, Colombia, n. 6, 153-172. 2007.
- CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: Castro-Gómez, S.; Grosfoguel, R (Org). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 9-23.
- FOUCAULT, M. O que é a crítica?. In: **Por uma vida não fascista**. Coletivo Sabotagem. 2004. 170 p.
- LEÓN, C. Imagen, medios y telecolonialidad: hacia una crítica decolonial de los estudios visuales. **Aisthesis**, Chile, n. 51, p. 109-123. 2012.
- MIGNOLO, W. Un paradigma otro: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico. In: MIGNOLO, W (Org). **Historias locales/diseños globales. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Akal. 2000. p. 19-60.
- QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. In: Castro-Gómez, S.; Grosfoguel, R (Org). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 93-126.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2010. 133 p.
- WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Tradução: Caio Liudvig. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012. 256 p.